



## **A Forma Vazia da Morte Múltipla: Um Estudo sobre a Noticiabilidade de Crimes Tomados como Espetáculo<sup>1</sup>**

Réulliner da Silva Rodrigues<sup>2</sup>

Thiago Cury Luiz<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

### **RESUMO**

Nessa leva de acontecimentos trágicos que envolvem pessoas ‘perturbadas’, fazendo da forma vazia a morte múltipla, o presente trabalho procura refletir de forma crítica sobre estes modos de representações que as mídias nos passam, em especial os meios televisivos. A análise tem como objetivo apontar processos midiáticos que demonstrem e concomitantemente exemplifiquem o espetáculo que a mídia faz diante de tais ocorrências. Usam de fatos reais para fazer um show através da notícia em que toda a sociedade fica ‘hipnotizada’, também utilizando deles para um ato de propaganda. Sob este olhar da mídia jornalística, serão analisados dois crimes ocorridos no estado do Rio de Janeiro que foram fartamente reproduzidos e detalhados nos meios de comunicação: Ônibus 174 (2000) e a Tragédia de Realengo, ocorrido neste ano (2011).

**PALAVRAS-CHAVE:** noticiabilidade; espetáculo; show de notícia; ônibus 174; Realengo.

### **1- NOTICIABILIDADE**

Sabemos que várias coisas acontecem cotidianamente no mundo inteiro, mas são poucos fatos dentro de milhares que vão ao ar ou são publicados pelos meios de comunicação. Todos estes acontecimentos passam por uma seleção, sendo regradados por sua importância (notoriedade), pela proximidade com o espectador/leitor (proximidade), por seu impacto nas pessoas, no país ou no mundo (relevância), por seus acontecimentos recentes (novidade), por sua visibilidade (notabilidade), pelos acontecimentos que surpreendem o meio jornalístico (inesperado) entre outros.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º Semestre do Curso de Jornalismo da UNEMAT, Alto Araguaia, email: reullinerrodrigues@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Jornalismo da UNEMAT, Alto Araguaia, email: tcluiz@yahoo.com.br



Com base nisso, vemos que os meios de comunicação selecionam as informações que a sociedade vai poder ter acesso ou não. Por isso, é de relevância que conheçamos o modo como a imprensa realiza estas escolhas. Este processo de seleção e de produção se dá por meio da noticiabilidade, que é negociada na redação por diretores, editores, repórteres e outras pessoas ligadas a este meio.

Todo esse conjunto de elementos que os órgãos informativos controlam pode se definir como *valor-notícia*. Esses valores fazem com que a seleção de materiais ocorra de forma quase que ‘automática’, também evitando incertezas excessivas e a simplicidade de raciocínio, isto é, a seleção das notícias é um processo de reflexão, decisão e de escolhas desempenhadas rapidamente. Entretanto, o valor notícia vem facilitar o trabalho jornalístico ao invés de complicá-lo.

Segundo o italiano Mauro Wolf (2005, p.202), os “valores-notícia possuem uma natureza dinâmica”, que se ajustam em função das necessidades sociais. Porém, quanto maior os valores notícias, maior sua autonomia na noticiabilidade, pois para produzir uma notícia é preciso apurar os fatos, e para torná-la pública é preciso passar por alguns critérios, chamados pelo autor de critérios substantivos da notícia, que classificam ou desclassificam o acontecimento como noticiável.

Os critérios substantivos articulam-se, essencialmente, em dois fatores: a importância e o interesse da notícia. Afirmar-se que uma notícia é escolhida por ser importante ou interessante, não é suficiente explícito até se especificarem, posteriormente, os dois valores/notícia, explicitando a sua aplicação operativa. (WOLF, 2005, p.200).

Além disso, o valor-notícia está ligado aos critérios de relevância ao público, na qual têm fatos que se impõem por si, até pelo conhecimento de uma determinada sociedade. Alguns deles não podem cair no sensacionalismo, pois custará a credibilidade do jornalista e, acima de tudo, do veículo de comunicação junto à sociedade.

Um fato que chama atenção é de a imprensa manter uma interação com a sociedade através dos valores-notícia do que estes serem criados por ela, mesmo sabendo que são duradouros e que não mudam do nada. Isso porque os critérios substantivos conservam os valores notícias com o passar do tempo, algo que ocorre em menor escala nos dias de hoje.

Os meios de comunicação de massa têm muita habilidade, sim. Não podemos negar isso. Mas sua habilidade está em valorizar ou desvalorizar o caráter substantivo de um acontecimento de acordo com seu público, com sua capacidade de cobertura, sua



linha editorial e seu formato midiático (se é TV, rádio, jornal, internet). Além disso, observa-se também, que algumas notícias são de alta importância, mas são transmitidas de maneira pouco significativa.

No entanto, o compromisso que a imprensa tem com os valores-notícia fica desequilibrado por não atingir com clareza os acontecimentos, quanto à noticiabilidade de um fato e sua apresentação como notícia. Chega-se a entender, então, como noticiabilidade, a habilidade e capacidade de transformar um acontecimento em notícia sob olhar do jornalismo.

## **2- A OBJETIVIDADE DA NOTÍCIA CRIMINOSA**

A questão não chega a ser complicada quando uma palavra resume praticamente tudo. Que critérios se devem adotar ao fazer uma reportagem com base em acontecimentos criminais? Como atingir um público alvo com notícias desse porte? Desde que se tenha objetividade, conseguiremos dar andamento em boa parte do trabalho jornalístico.

*Grosso modo*, vemos que o jornalismo investigativo vem se desenvolvendo muito rápido, que os profissionais estão se aperfeiçoando. Mas vemos também que a imprensa passa a ser sensacionalista nesta questão, onde a noticiabilidade cai por falta de objetividade.

A proximidade que o expectador/leitor vai ter com o assunto tratado é de suma importância. Quanto mais objetivo, melhor, pois “há uma necessidade de construir uma imagem de credibilidade e independência, amparada num certo rigor diante dos fatos”. (PEREIRA JÚNIOR, 2010, p.50).

Segundo Pereira Junior, a aceleração perante os acontecimentos se torna observável, mas as distâncias se evidenciam mais ainda. Ou seja, quando menos esperamos que algo possa acontecer, surge um ‘crime’ em uma região e causa um desvio social em todo o país. “A comunicação suprime distâncias e a sensação é a de um mundo que se comprime, a cada golpe informativo” (2010, p.50).

Na medida em que acontecem esses incidentes e logo a mídia divulga, ela faz com que se reafirme um consenso ‘impregnado’ na mente da sociedade, em que boa parcela acredita no que se diz, sem se deparar com o outro lado da história. Isso faz com que se rompa com a normalidade da vida das pessoas, pois em qualquer lugar elas



designam crime como notícia – que a mídia, em determinados momentos, gosta de fazer um espetáculo.

Pereira lembra que o mais radical ponto de ‘comercio de informação’ é fazer da notícia uma forma de alimentar carências de massa e vender fatos que a imprensa ‘respeitável’ costuma não comentar. Mesmo seguindo toda corrente sobre objetividade no fazer jornalístico (equilíbrio entre o pró e o contra, lead, voz imparcial, restrição factual, entre outros), essa ‘venda’ ainda vai existir.

Ser objetivo sobre um tema é tentar entender o sentido dos fatos, a relação com o outro e o mundo, que depende de toda uma averiguação, tendo o público como foco, e respeitar o que averiguou, viu e testemunhou. Por isso a objetividade é vista por profissionais como algo a ser preservado. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p.55).

Desde modo, a credibilidade de um veículo depende do compromisso com os fatos. Ela surge no ato do fazer jornalístico, para produzir o efeito da realidade, mas sem o cinismo de acreditar estar registrando a realidade, quando na verdade está registrando o espelho. Na objetividade, temos que ter desconfiança dos fatos, se não nunca alcançaremos uma prova verdadeira e objetiva, enquanto no crime ele revela que nem tudo está sob controle, passando a agir com ironia diante dos acontecimentos.

### **3- O ESPETÁCULO DA MÍDIA**

Vivemos num tempo complexo, onde temos influências de todas as partes, compostos de espetáculos naturais, artificiais, interdisciplinares, tudo mergulhado num mundo de várias culturas. Com isso, observa-se que os meios de comunicação de massa estão nesse ‘tempo’, e funcionam como instituições de controle social.

Sabemos que eles (meios de comunicação de massa) são utilizados para a formação de opinião pública – isso desde o século XVII –, mas com o passar dos anos eles também passaram a instituir controle sobre a sociedade, tornando assim, como um meio de forte impacto para o grande público.

Hoje em dia, a liberdade que a mídia tem de exibir algo para diversos públicos, seja em mídia aberta ou fechada, é grandiosa, permitindo expressões de diferentes culturas e visões de um mundo que não conhecemos detalhadamente. Com base nisso, procura-se entender tamanha exposição de violência e quais efeitos causados na sociedade, já que fazemos parte dessa triste realidade.

O espetáculo trabalhado no contexto midiático, em especial o televisivo, traz uma realidade que gera diversas opiniões, não ficando restrito a um só lugar, a qual



rejeita os acontecimentos e passam a viver em um mundo movido pelas aparências, consumo de notícias e fatos fartamente reproduzidos.

Segundo Arbex Jr. (2001), os meios de comunicação de massa criam a sua própria narrativa, apresentando aos espectadores, que já estão acondicionados pelo ‘estado hipnótico’, que aquilo que eles vêem é a realidade em estado natural, como se isso fosse a própria história do mundo. Desta maneira, as relações entre as imagens e as pessoas se transformam em um espetáculo, seja nos escândalos, nos crimes, nas histórias do dia a dia, na economia, na política, enfim, nos mais variáveis acontecimentos.

O imaginário construído pela mídia é composto por uma vasta rede de símbolos e signos, de referências culturais, sociais, políticas e artísticas que prefiguram a constituição de uma espécie de memória coletiva ‘globalizada’ em um mundo cada vez mais desterritorializado. [...] O maior problema, para o pensamento crítico, é tornar visível não apenas o oculto, censurado ou ausente como texto ou imagem, mas o que as tecnologias da informação tornam aparente visível por um processo de exposição extrema que, fingindo tudo mostrar, de fato nada revela (ARBEX JR., 2003, s/p).

Assim, vemos que o mundo das notícias produz entendimento feito aos pedaços, e nunca concreto por si só. Isto é, os telejornais são a realidade, mas eles se organizam como melodramas que fazem parte de uma ficção, onde acontece uma mistura entre a realidade e a ficção que a sociedade passa a viver e se baseia em um modo de vida idealizado. Para Arbex (2003, p.32), “uma das conseqüências da prática de apresentar o jornalismo como o ‘showrnalismo’ é o enfraquecimento ou total apagamento da fronteira entre o real e o fictício”.

Essa quebra de barreira se dá por meio da apresentação de um modelo de ficção baseado no ‘surpreendente’, no ‘suspense’, no qual se constrói através de narrativas fictícias a percepção da realidade. Acima de tudo, o enfraquecimento é dado pelo expectador ou leitor, quando se encontra no chamado ‘estado hipnótico’.

Em seu livro, Arbex Jr. demonstra claramente o poder da televisão, sua capacidade de transformar a ficção em realidade, realidade em ficção, de tratar as páginas dos acontecimentos reais como se fosse roteiro de uma atração qualquer. O show é ensaiado, e tem o objetivo, como já foi dito, de condicionar a opinião pública, de manipular a informação.

Nesse sentido, temos a mídia como indústria de manipulação. Essa indústria produz informações pelo padrão de agilidade que é transmitida para o mundo inteiro,



sendo que isto se tornou mais importante do que arcar com a veracidade dos fatos. Em outras palavras, pode-se dizer que eles buscam mais o meio capital, o lucro, onde passam a se tornar sensacionalistas.

Arbex Jr. diz que este mercado produtivo tem como matéria prima "nossos próprios preconceitos e convicções, assim como nosso temor de enfrentar a instabilidade em um mundo cada vez mais complexo" (2003, p.205). Esta comercialização ocorre pela busca de furos, concorrência e exaltação da novidade.

As relações entre a mídia e a sociedade são de intermédio – por parte da mídia – da mercantilização. Assim, todas as imagens que as pessoas estão envolvidas nos remetem a um tipo de mercadoria, onde encontra o espetáculo que os meios de comunicação produzem. No entanto, para Debord (2003, p.5), estamos ligados pela lógica mercantil.

O espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente. Ele não é nada mais do que a economia desenvolvendo-se para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores.

No entanto, percebe-se que o espetáculo confunde toda a realidade que a sociedade, leiga, acaba se integrando ao 'inexistente'. Outro aspecto interessante é que os meios de comunicação de massa são cada vez mais fundidos e orientados, direta ou indiretamente, por interesses políticos. Isso intriga muito, pois cada vez mais a imprensa é cúmplice dos governantes. São deles que recebem verbas e favores de todo tipo, implicando na necessidade de funcionar a serviço do interesse da sociedade para agradar e ao mesmo tempo atrair o público com informações que lhe interessam.

Este fato fica bem esclarecido quando Arbex Jr. (2003, p.7) menciona, logo no prefácio os seguintes dizeres:

O que torna a mídia tão perigosa é a sua capacidade de andar de mãos dadas com o Estado, enquanto vendem a imagem de neutralidade, objetividade e democracia. É a sua capacidade de condicionar o imaginário, moldar percepções, gerar consensos, criar a base psicossocial para uma operação de grande envergadura, como a guerra.

Esses ícones da mídia não poderiam ser mais contraditórios à lógica do lucro de grandes grupos econômicos, mesmo sabendo que estes também estão engajados dentro do processo de midiaticização, prendendo espectadores para fins comerciais e lucrativos. Contudo, se tudo que fosse veiculado na mídia tivesse o caráter de espetáculo, este



conceito perderia a validade, pois eles consomem seus efeitos reais sendo dominado pelos meios de comunicação, onde o show ganha destaque.

#### 4- O SHOW ATRAVÉS DA NOTÍCIA

Se um produto é bem divulgado, logo ele será bem consumido e continuará a ser produzido. É o que acontece com a notícia. Ela se transformou em produto, só que na versão da realidade, onde as pessoas se deslumbram com o espetáculo sensacional causado pelo show da mídia. Exemplo disso são crimes que acontecem diariamente que a imprensa insiste em transformá-los em drama.

Todas essas questões que estão sendo tratadas até aqui servem de alerta para jornalistas e estudantes, para que se possa lutar por uma mídia em que a questão principal seja o homem, o bem comum de todos e a sociedade, não apenas o capital. Até quando vamos assistir a programas que vão contra nossa ideologia? Até quando vamos dar audiência a esses programas que ultrapassam os limites impostos?

Temos que começar a nos politizar enquanto expectadores. Discutir o nosso papel quanto formadores de opinião é ter responsabilidade pelo que fazemos e veiculamos, pois sabe-se que as transformações de valores estão acontecendo de forma acelerada.

Estamos passando por um processo onde não é a religião ou a política que regula nossas ações. Parte da população passa a ser regulada pela mídia, a se pautar pelo show que ela produz, principalmente em crimes, como os que serão tratados logo adiante: ônibus 174<sup>4</sup> e Chacina em Realengo<sup>5</sup>.

Em 12 de julho de 2000, Sandro Rosa do Nascimento, 23 anos, seqüestrou um ônibus urbano na zona sul do Rio de Janeiro, capital onde manteve várias pessoas como refém durante mais de quatro horas. O acontecido paralisou todo o Brasil em programação ao vivo pela televisão. Mobilizou também vários outros meios de comunicação, transformando-se em um fenômeno midiático.

O caso da chacina em Realengo ocorreu no dia 7 de abril deste ano (2011), onde Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, entrou em um colégio municipal da zona

---

<sup>4</sup> PEN, Liz. **Ônibus 174**. Disponível em: <[http://www.thehighsign.net/archives/review/bus\\_174.html](http://www.thehighsign.net/archives/review/bus_174.html)>. Acesso em 21/04/2011.

<sup>5</sup> G1, GLOBO. **Chacina em Realengo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>>. Acesso em 24/04/2011.



oeste do Rio de Janeiro, no bairro de Realengo, começando a atirar em alunos em salas completamente lotadas. Wellington era ex-aluno da escola e não tinha antecedentes criminais. Este caso abalou todo o país chegando até o exterior, ficando na mídia por até duas semanas. Menos do que o primeiro caso, mas não deixa de ser o show através da notícia.

Até então a sociedade presenciou uma grande propagação de produtos midiáticos gerados por crimes que vão muito além da divulgação do ato e das conclusões policiais. Em ambos os casos não só a mídia televisiva e muito menos a de cunho jornalístico permaneceram só no crime. Foram muito além chegando a transformar em entretenimento, reunindo pessoas, estudiosos, que opinaram sobre o ocorrido.

O Jornal Nacional<sup>6</sup>, da Rede Globo, em especial o jornalista e âncora do telejornal, Willian Bonner, sempre tem o costume – que já virou clichê – de dizer: “em primeira mão” ou “exclusivo, o Jornal Nacional...”. Essa fala, de certa forma, já deixa o público impregnado a querer saber do fato, ainda mais a formar idéia de que nenhum outro jornal conseguiu tal informação. Uma forma de vender seu produto. Exemplo disso é que o telejornal na época passou a imagem de que Sandro era um marginal brasileiro (não que não seja) sem dar explicações à sociedade do por que do ato criminal, mas sempre introduzindo no telespectador as mesmas – ou parecidas – emoções passadas pelos reféns dentro do ônibus.

O mesmo aconteceu na chacina em Realengo. O olhar midiático ficou voltado para a escola Tasso da Silveira, onde, na ansiedade e na busca por notícias para tornar produto de venda, o que eles chamam de ‘agilidade’, acabou que deixando a desejar, não pelo atraso nas informações, mas sim por passar aos leigos notícias sem apuração. Com isso, percebemos mais uma vez a espetacularização dos crimes, firmada por Arbex Jr. como manipulação do pensamento:

[...] É quando os meios de comunicação são capazes de disciplinar o pensamento das pessoas. Por exemplo, a nova novela da Rede Globo. ‘O Clone’ é assistida por milhões de pessoas, que irão achar que sabem muito de islamismo por estarem vendo a novela. Ou seja, o entretenimento vira telejornalismo. E o pior é que o telejornalismo

---

<sup>6</sup> Jornal Nacional é um telejornal brasileiro, produzido e exibido pela Rede Globo que vai ao ar às 19h:45 de segunda a sábado. Atualmente é apresentado por Fátima Bernardes e William Bonner.



vira novela. O Jornal Nacional tem essa estrutura. Neste noticiário existem mocinhos e bandidos, bem e mal.<sup>7</sup>

A mídia, em especial a televisiva, realizou através destes crimes um espetáculo barato. De acordo com Arbex Jr.,

[...] o público gosta de pão e circo, o que põe em xeque o intelectual que trabalha na mídia. Ele tem de decidir se vai ou não se basear naquilo que dá Ibope. [...] O crime se torna um grande show a partir do momento em que as vítimas não são vistas pela opinião pública.<sup>8</sup>

Esses tipos de crimes não serão anunciados dessa forma pela última vez, pois eles marcam uma forma desumana de noticiar o fato, até mesmo por sua atrocidade. A mídia vai impor isso sempre. Um show midiático de cultura inútil, na qual a guerra pela audiência, seja lá de qual meio for – rádio, jornal, internet, tevê -, sempre vai acontecer.

É conveniente imaginar que para o jornalismo a ética vem primeiro, como um pré-requisito, mas nota-se que nos dias de hoje ela fica como segunda opção. É lastimável acontecer esses tipos de coisas no ‘quarto poder do mundo’. Os jornais, as críticas, permanecem as mesmas, fazendo crescer este tipo de mídia sensacionalista, que divulga o trágico, o alarmante.

Este tipo de jornalismo, na verdade, merece outro título, chamado por Washington Araújo<sup>9</sup> de ‘jornalismo insano’.

O jornalismo insano assemelha-se a uma praga de gafanhotos: ataca a mesma plantação, e no mesmo momento. Os fatos são pisoteados da mesma forma que as folhas são destruídas quase que instantaneamente. [...] Quando não houver qualquer outro fato novo sobre a tragédia, então começam os comentários de especialistas de direito ou de especialistas criados pela mídia, geralmente nomes de bom conceito na sociedade: juristas, pensadores, escritores, políticos, militantes de direitos humanos, educadores, sociólogos (ARAÚJO, 2008).<sup>10</sup>

#### 4.1- Ônibus 174

<sup>7</sup> LIMA, Natalie. **Showrnlismo**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp3110200192.htm>> Acesso em 29/04/2011.

<sup>8</sup> LIMA, Natalie. **Showrnlismo**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp3110200192.htm>> Acesso em 29/04/2011.

<sup>9</sup> Washington Araújo é mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília.

<sup>10</sup> ARAÚJO, Washington. **Jornalismo Insano**. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=45802&id\\_secao=6](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=45802&id_secao=6)> Acesso em 30/04/2011.



A tragédia está acontecendo ao nosso redor, em lugares que nem imaginamos. A imprensa revela aos olhos do invisível o mundo que não conhecemos, como no caso do ônibus 174. Este fato aconteceu em 12 de julho de 2000, onde um homem de 23 anos, chamado Sandro Rosa do Nascimento, seqüestrou um ônibus urbano (popularmente conhecido como circular), na zona sul do Rio de Janeiro, tendo de refém por durante quatro horas, todos que estavam dentro do veículo naquele momento.

O fato repercutiu no país todo, em momento real, desestabilizando a vida das pessoas. Mas será que naquele dia não tinham outros fatos importantes para a mídia ‘tirar o foco’ do ônibus? Esse foi um acontecimento que se tornou noticiável. A televisão mostrou ao vivo a ação dos policiais, de um homem aparentemente ‘perturbado’, fazendo pessoas refém dentro de um veículo público.

Durante o acompanhamento deste fato, os meios televisivos fracassaram em diversos pontos. Nada técnico, até então porque possuíam ótimos equipamentos. Eles fracassaram em mostrar aos telespectadores a realidade nua e crua, permitindo dar às pessoas a idéia dele ser punido, de ser morto por policiais, sem ao menos mostrar o outro lado da história, que é a realidade de Sandro.

A partir disso, percebemos o sensacionalismo criado pelos meios de comunicação, sejam eles quais forem, em maior escala o televisivo, em que as palavras ‘refém’, ‘pânico’, ‘seqüestrador’, ‘bandido’, dito pelos jornalistas, já permitem esse olhar e/ou leitura nas entrelinhas. Se as pessoas estão do lado do bem, da justiça, da polícia, por que mostrar este crime à sociedade em tempo real, onde a qualquer momento um poderia sair morto? Não passa do ‘espelho da realidade’, mais uma vez, mostrada pelo show midiático.

Sandro não surgiu do nada. Ele não fez tudo isso do nada. Somente era fruto do crime, do perigo, da violência em favelas brasileiras. Com apenas três anos de idade ele viu sua mãe, que estava grávida de gêmeos, ser morta a facadas na sua frente. Ficou abandonado, sem família, mais tarde ele escapou do Massacre da Candelária, em 1993, quando a polícia do Rio abriu fogo contra um grupo de meninos de rua que estavam dormindo fora desta igreja. Sete anos passados, o garoto apenas queria se vingar do mundo, onde apontou uma arma para um motorista de ônibus na Rua Jardim Botânico.

Depois dessa descoberta, não havia nenhum outro motivo aparente para fazer pessoas reféns do que isso. Logo ficou claro que ele era um garoto perturbado com os acontecimentos da vida, que escreveu seu próprio roteiro. As cenas eram fortes, marcam



a triste realidade do nosso país, ainda mais quando a mídia pressiona tanto mostrando detalhes de angustias enquanto a sociedade observa uma situação fora de controle.

Portanto, vemos que a tragédia da Candelária não foi esquecida por Sandro. Aquele momento foi o da sua ‘revanche’. Passou de invisível a protagonista. Queria apenas justiça como um homem bom, onde foi reconhecido e morto como bicho.

“Pode me filmar, Brasil. Eu estava na Candelária. O bagulho é sério. Mataram os irmãozinhos na maior judaria. Então, não tenho nada a perder mais não... [...] Da mesma forma que vocês é perverso, também não sou de bobeira não, tá ligado? O bagulho é sério. Vou explodir a cabeça dela às seis horas. Isso aqui não é filme de ação não. Não mataram os irmãozinho da Candelária? Eu tava lá!”<sup>11</sup>

#### 4.2- Chacina em Realengo

Sem dúvidas a chacina em Realengo é de interesse nacional e precisou ser explorada e discutida. Toda imprensa nacional e internacional cercou a escola municipal Tasso da Silveira, na Zona Oeste do Rio, na manhã do dia 7 de Abril de 2011, onde aconteceu a chacina que a sociedade parou diante a tevê para ver o show de terror que a mídia publicou.

Horas depois do crime, autoridades descobriram o nome do atirador que também era ex-aluno da escola. Wellington Menezes de Oliveira atirou contra alunos em salas de aula lotadas. No momento do crime havia muito tumulto, choro, desespero das crianças e funcionários do colégio, até um policial militar alvejar o criminoso, que depois se suicidou com um tiro em sua cabeça.

Chama a atenção, tanto da polícia quanto da população o fato de o assassino possuir muita munição e saber usá-las rapidamente. Em depoimento ao G1, umas das alunas lembra os momentos de terror na escola. A menina de 12 anos disse que viu o atirador entrar na escola. Ela estava dentro da sala de aula quando ele abriu fogo contra os alunos.

Ele começou a atirar. Eu me agachei e, quando vi, minha amiga estava atingida. Ele matou minha amiga dentro da minha sala. Ele estava bem vestido. Subiu para o segundo andar e eu ouvi dois tiros. Depois, todos os alunos subiram para suas salas. Depois ele subiu para o terceiro andar, onde é a minha sala, entrou e começou a atirar.

Conhecido na escola, ele teria entrado sob alegação de que iria fazer uma palestra. Segundo a polícia, ele usou dois revólveres e recarregou-os várias vezes. Wellington ainda utilizava a internet, uma era que forma redes de contatos permitindo ter acesso a infundáveis práticas.

---

<sup>11</sup> ÔNIBUS 174. Direção José Padilha. Rio de Janeiro: Riofilme, 2002. Son. Color. Documentário.



Se Wellington tivesse família, talvez sua família soubesse de seus desvios de comportamento. Saberiam que a internet poderia ser perigosa para a sua formação, sem o acompanhamento de um responsável.

Assim como o caso de Sandro Rosa, Wellington também passou a imagem de ser um psicopata e ter um histórico de vida complicado. O problema é sério, não passa apenas da chacina de Realengo, como a mídia dotou, mas sim a idéia de que a pessoa vence a morte por um ideal e não por um inimigo.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletir sobre a noticiabilidade em crimes tomados como espetáculo foi como um desafio estudando a atividade jornalística. No caso de Sandro e Wellington, vemos que a mídia praticou uma espetacularização através do real para a ficção. No primeiro capítulo, percebe-se que todos os acontecimentos passam por uma série de critérios para se transformar em uma notícia que será divulgada.

No segundo, terceiro e quarto capítulo fica claro que os meios de comunicação de massa agem como empresas que vendem seus produtos. Também, que a mídia, através do seu 'show', faz com que fiquemos hipnotizados diante dos acontecimentos, transformando o crime, o criminoso e as vítimas no crime em uma espécie de espetáculo.

Os meios de comunicação utilizam tal poder para se vangloriar, e pouco se preocupa em utilizar para que haja melhorias em segurança, educação, saúde, enfim, são poucos os casos em que a mídia faz algo em prol somente da sociedade. A mídia passa a nos construir sem que queiramos.

Em ambos os casos observados aqui, dois jovens morreram aos 23 anos e foram sendo narrados como marginais, desequilibrados, bandidos, problemáticos, criminosos. Adjetivos que as pessoas resolveram adotar através da mídia, com um viés enorme de assuntos a serem tratados em diversas linhas de programas.

Os meios de comunicação se expuseram às críticas com total inversão de valores, de funções e da capacidade que os mesmos têm de dar significado à sua ideologia. Com isso, no fim das trágicas-novelas, assistimos à caça aos fantasmas, ao invisível, aos culpados, quando parcela da culpa está dentro da própria mídia.

Mas é na aparência vazia que o perigo se esconde. O crime encarna o lado negativo, o lado invisível que a sociedade não percebe. E, uma vez invisível, o problema



torna persistente, porque nós desdenhamos sua presença, ou porque projetamos sobre ele um preconceito que a imprensa nos mostra.

## 6- REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Washington. **Jornalismo Insano**. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=45802&id\\_secao=6](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=45802&id_secao=6) > Acesso em 30/04/2011.

ARBEX, José Jr. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 3. ed. Casa amarela: São Paulo, 2003.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. Disponível

G1, GLOBO. **Chacina em Realengo**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html> >. Acesso em 24/04/2011.

LIMA, Natalie. **Showrnalismo**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp3110200192.htm>> Acesso em 29/04/2011.

PADILHA, José. **ÔNIBUS 174**. Rio de Janeiro: Riofilme, 2002. Son. Color. Documentário.

PEN, Liz. **Ônibus 174**. Disponível em: <[http://www.thehighsign.net/archives/review/bus\\_174.html](http://www.thehighsign.net/archives/review/bus_174.html) >. Acesso em 21/04/2011.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WOLF, Mauro. **Teoria das comunicações de massa**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.